

UAc
UNIVERSIDADE
DOS AÇORES



UAc.bam
BIBLIOTECA, ARQUIVO E MUSEU
UNIVERSIDADE DOS AÇORES

NOTAS DA BAM



BOLETIM INFORMATIVO - II SÉRIE

Nº 3 | SETEMBRO/DEZEMBRO 2025 | QUADRIMESTRAL

#oconhecimentopassaporaquei



ÍNDICE

- 03** Empréstimo Domiciliário
- 04** Documento do Mês
- 08** Exposições Temporárias
- 13** Os nossos recursos

EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

"Vindimas e Milho: Sabores da Nossa Terra"



08



FICHA TÉCNICA

Boletim Informativo, II Série Nº3 da Biblioteca, Arquivo e Museu - Universidade dos Açores

PERIODICIDADE: Quadrimestral **ANO:** 2025

DIRETORA: Helena de Fátima Sousa Melo

REDAÇÃO E ORGANIZAÇÃO: Maria de Lurdes Fernandes França

Márcio Alexandre Cabral Silva
Francisco José Cabral Macêdo

DESIGN GRÁFICO E FOTOGRAFIA: Francisco José Cabral Macêdo

03

EMPRÉSTIMO DOMICILIÁRIO

AGENDA EM DESTAQUE



PRAZO DO EMPRESTIMO



06

DOCUMENTO DO MÊS

Brasão de armas atribuído a Nicolau Maria Raposo de Amaral por D. Maria I, Rainha de Portugal, a 9 de Novembro de 1779

Arquivo Raposo de Amaral, Res. 2



Ponta Delgada
Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Tlf: 296 650 058

Angra do Heroísmo
Rua Capitão João d'Avila
9700-042 Angra do Heroísmo
Tlf: 295 402 230

Horta
Rua Prof. Doutor Frederico Machado, 4
9901-862 Horta
Tlf: 292 200 114

AGENDA EM DESTAQUE



EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

23 FEB A 2 ABR Romeiros

13 ABR A 4 MAI Divino Espírito Santo

27 ABR A 4 MAI Maios

5 MAI A 22 MAI Senhor Santo Cristo dos Milagres

26 MAI A 8 JUN Dia da Criança

9 JUN A 3 JUL Santos Populares



REGISTO DE LEITOR

QUEM SE PODE INSCREVER

- Docentes, investigadores e trabalhadores com vínculo à Universidade dos Açores.
- Estudantes da Universidade dos Açores.
- Utilizadores sem vínculo à Universidade dos Açores.

Todos os utilizadores com registo na Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores podem usufruir do espaço, equipamentos e serviços prestados.

Mais informações: <https://bam.uac.pt>

INSCREVE-TE!

EMPRÉSTIMO DOMICILIÁRIO

Entende-se por empréstimo domiciliário a cedência de documentos para leitura em espaços exteriores às instalações da Biblioteca, Arquivo e Museu.

Atenção: não poderá utilizar o serviço de empréstimo o utilizador que estiver em atraso com alguma publicação. Também não poderá sair da Biblioteca, Arquivo e Museu material bibliográfico com data de devolução vencida ou sem empréstimo formalizado.

PRAZO DO EMPRÉSTIMO

Tipo de utilizador	Prazo (dias úteis.)	Número máximo de exemplares	Número de renovações
Docente ou Investigador	30 dias	20	3
Aluno de Pós-Graduação, Mestrado, Doutoramento ou Pós-Doutoramento	12 dias	10	3
Aluno de Licenciatura	7 dias	4	3
Aluno ERASMUS/Outros programas	5 dias	3	2
Trabalhador Estudante Sénior	5 dias	2	2
Grupo Institucional (Projetos de investigação, Serviços Internos)	6 meses	15	2
Utilizador Institucional Externo (EIB)	15 dias	5	1
Antigo Docente ou Investigador	6 dias	2	1
Alumni	5 dias	2	1
Utilizador Externo	5 dias	2	1

RENOVAÇÃO DO PRAZO DO EMPRÉSTIMO

A renovação do(s) empréstimo(s) poderá ser também efetuada junto da BAM, desde que seja requerida até ao último dia útil antes da data de entrega prevista, para os contactos que se seguem: Ponta Delgada – Telefone: 296 650 058, Angra do Heroísmo – Telefone: 295 402 230, Horta – Telefone: 292 200 414 ou através do email: bam.renovacao@uac.pt

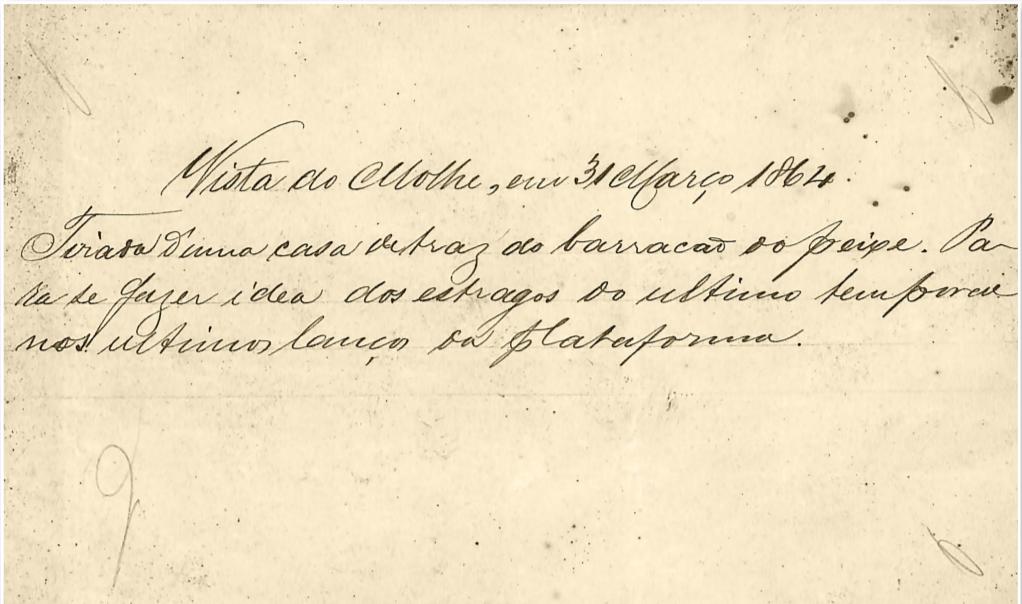
Qualquer leitor perde o direito à renovação do empréstimo se deixar ultrapassar esse prazo ou se o serviço de Biblioteca, Arquivo e Museu necessitar da publicação em causa para satisfazer outros pedidos.

Quando justificado por conveniência ou urgência do serviço, o seu responsável pode exigir ao requisitante a devolução de um documento antes de expirar o período autorizado de empréstimo.



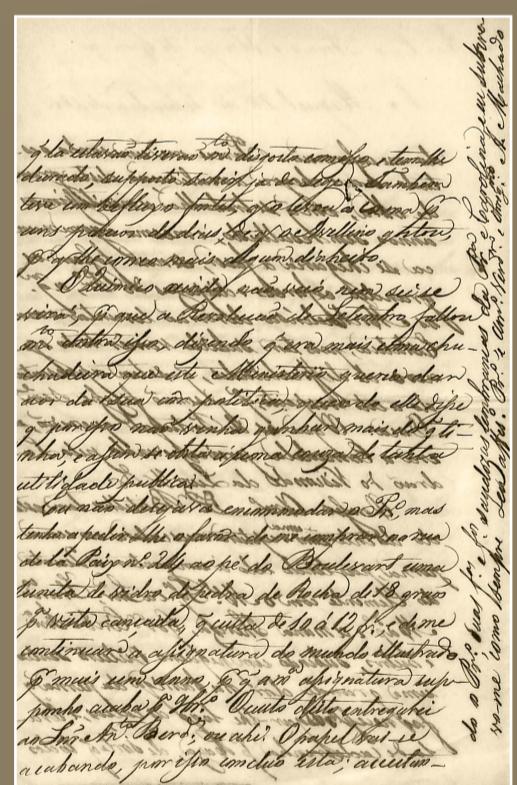
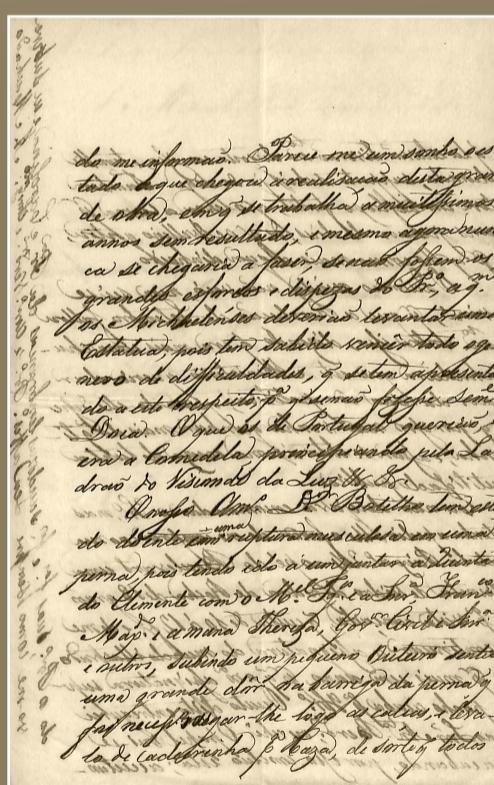
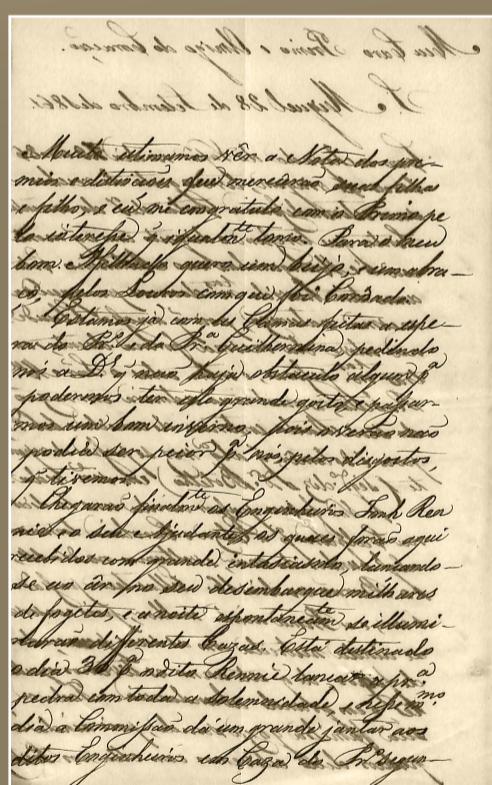
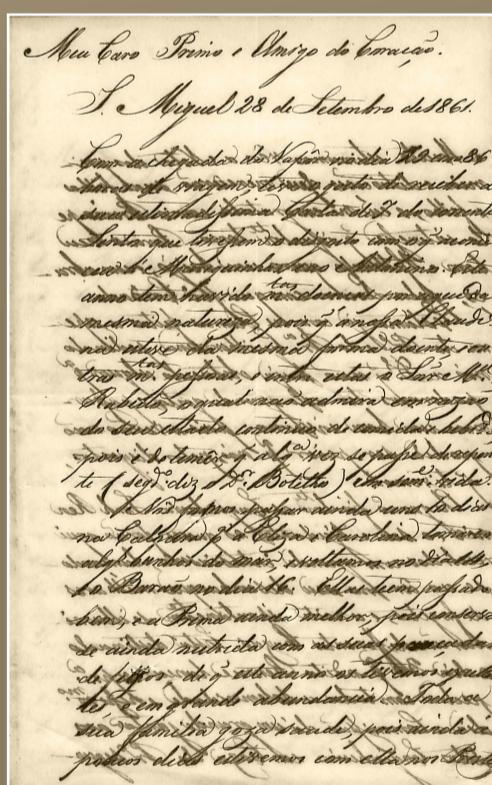
Documento do mês

Setembro



A 30 de setembro de 1861, para júbilo de muitos locais que se tinham empenhado na concretização de um antigo sonho coletivo, era lançada a primeira pedra do porto artificial de Ponta Delgada. Não pôde assistir a esse momento um dos homens que mais se empenhou na sua construção – José do Canto. Por se tratar de uma obra que é um marco na história da ilha e, de certa forma, homenageando esse ausente sempre presente, escolhemos para documento(s) do mês uma fotografia que atesta as dificuldades dos trabalhos efetuados e uma carta dirigida a esse mentor da obra, em que lhe é dada a notícia do seu início.

Carta dirigida a José do Canto por Agostinho Machado de Faria e Maia, em que são referidos o modo como foi celebrada a chegada do engenheiro John Rennie a São Miguel e a data da cerimónia de lançamento da primeira pedra do porto artificial de Ponta Delgada. São Miguel, 28 Set. 1861



"Meu caro primo e amigo do coração

S. Miguel 28 de setembro de 1861

Com a chegada do vapor no dia 19 com(?) 86 horas de viagem, tive o gosto de receber a sua estimada carta de 7 do corrente. [...]

Chegaram finalmente os engenheiros John Rennie e o seu ajudante, os quais foram aqui recebidos com grande entusiasmo, lançando-se ao ar no seu desembarque milhares de foguetes, e à noite espontaneamente se iluminaram diferentes casas. Está destinado o dia 30 para o dito Rennie lançar a primeira pedra com toda a solenidade, e nesse mesmo dia a Comissão dá um grande jantar aos ditos engenheiros em casa do presidente(?), segundo me informam. Parece-me um sonho o estado a que chegou a realização desta grande obra, em que se trabalha há muitíssimos anos sem resultado, e mesmo agora nunca se chegaria a fazer, se não fossem os grandes esforços e despesas do primo, a quem os micaelenses deveriam levantar uma estátua, pois tem sabido vencer todo o género de dificuldades, que se têm apresentado a este respeito, para que se não fizesse semelhante doca. [...]"

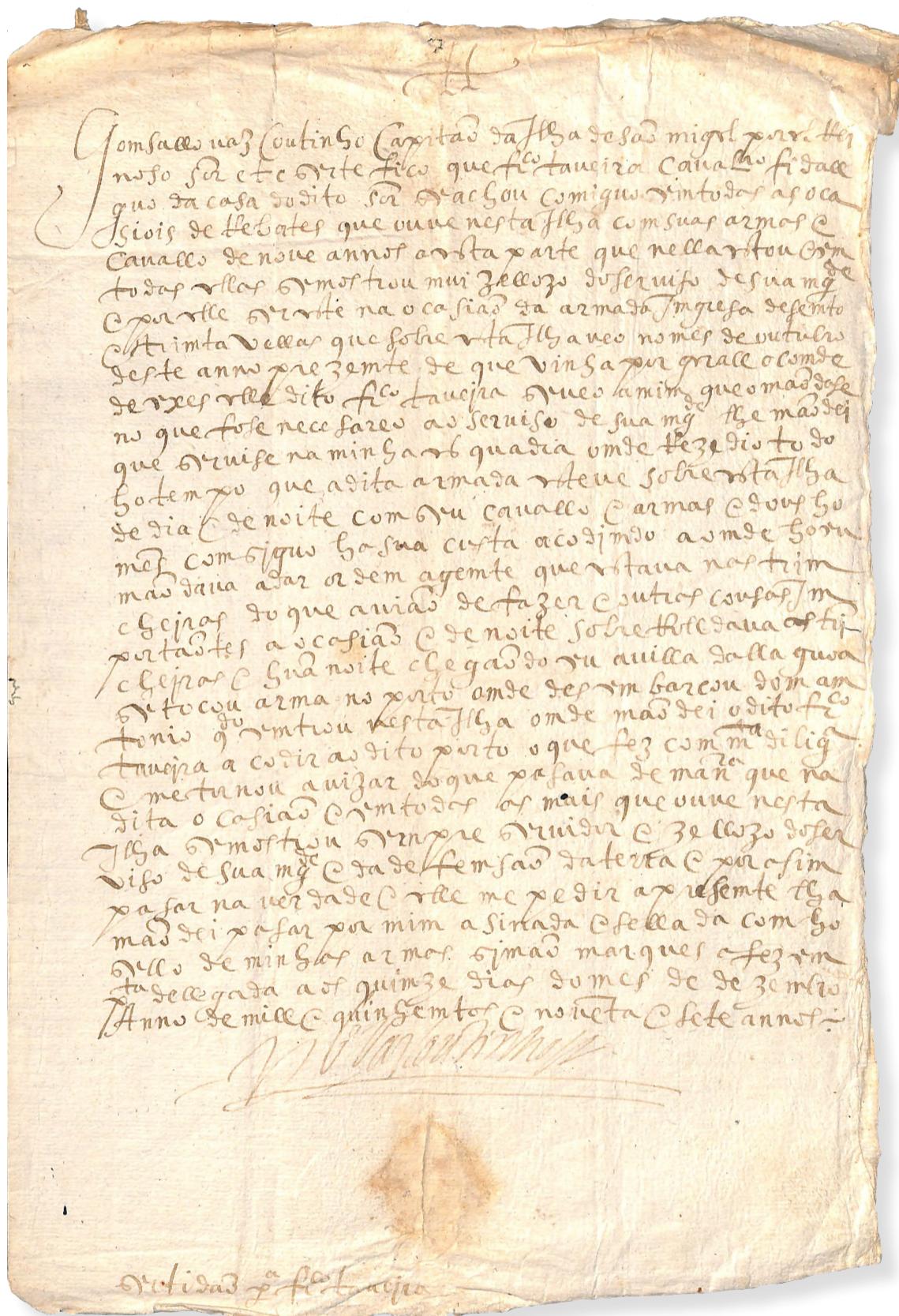
(Transcrição parcial, na grafia atualizada)



Documento do mês

Outubro

Certidão passada por Gonçalo Vaz Coutinho, governador da Ilha de São Miguel, a Francisco Taveira de Neiva, atestando o seu zelo na defesa da ilha aquando do ataque perpetrado pela armada do Conde de Essex em outubro de 1597
Arquivo Brum da Silveira - José do Canto, Cx. 305



[Transcrição]

"Gonçalo Vaz Coutinho, capitão da ilha de São Miguel por el Rei nosso senhor etc. certifico que Francisco Taveira cavaleiro fidalgo da casa do dito senhor se achou comigo em todas as ocasiões de rebates que houve nesta ilha com suas armas e cavalo de nove anos a esta parte que nela estou [e em] todas elas e se mostrou muito zeloso do serviço se sua majestade e por ele [servente] na ocasião da armada inglesa de cento e trinta velas que sobre esta ilha veio no mês de outubro deste ano presente de que vinha por geral o conde de Essex ele dito Francisco Taveira se veio a mim que o mandasse no que fosse necessário ao serviço de Sua Majestade lhe mandei que servisse na minha esquadra onde residiu todo o tempo que a dita armada que a dita armada esteve sobre esta ilha de dia e de noite com seu cavalo e armas e dois homens consigo à sua custa acudindo aonde mandava a dar ordem a gente que estava nas trincheiras do que haviam de fazer e outras coisas importantes à ocasião e de noite sobrerrolava as fileiras e uma noite chegando eu à vila da Lagoa estocou arma no porto onde desembarcou Dom António quando entrou nesta ilha onde mandei o dito Francisco Taveira acudir ao dito porto o que fez com muita diligêcia e me tornou a avisar do que passava de maneira que na dita ocasião e em todas as mais que houve nesta ilha se mostrou sempre servidor e zeloso do serviço de sua majestade e da defensão da terra e por assim passar na verdade e ele me pedir a presente lha mandei passar por mim assinada e selada com o selo de minhas armas e Simão Marques a fez em Ponta Delgada aos quinze dias do mês de dezembro ano de mil e quinhentos e noventa e sete anos.

Gonçalo Vaz Coutinho
Certidão para Francisco Taveira"

(transcrição na grafia atualizada)

NOTA BIOGRÁFICA

Francisco Taveira de Neiva, cavaleiro fidalgo da Casa Real, acompanhou, à sua custa, o rei D. Sebastião na "jornada de África". Aí acabou por ficar cativo durante três anos depois da batalha de Alcácer-Quibir. Natural do Minho, veio para a Ilha de São Miguel, onde casou com Isabel Caldeira de Mendonça em 1586. Foi vereador na Ribeira Grande em 1593, vila onde edificou a Ermida de Nossa Senhora do Rosário, junto à sua casa de morada. Morreu em 1624, tendo instituído vínculo por testamento de 1611.

(Rodrigues, Rodrigo - Genealogias de São Miguel e Santa Maria. Lisboa, Dislivro Histórica, 2008)



Documento do mês

Novembro

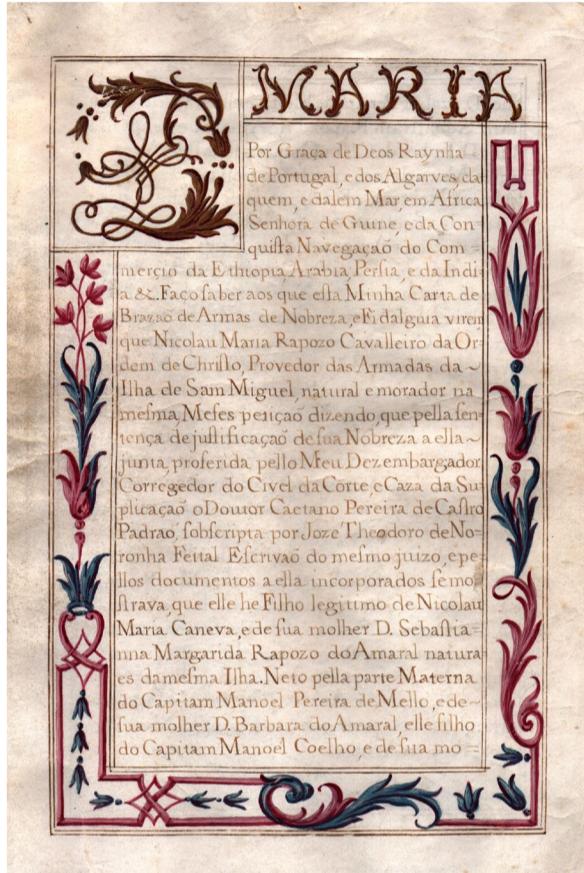


Brasão de armas atribuído a Nicolau Maria Raposo de Amaral por D. Maria I, Rainha de Portugal, a 9 de Novembro de 1779

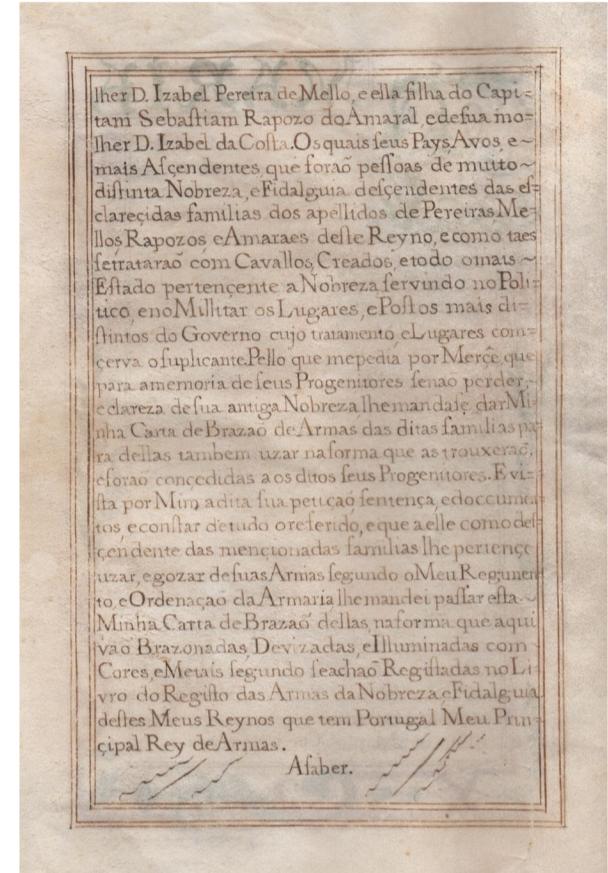
Arquivo Raposo de Amaral, Res. 2

A 9 de Novembro de 1779 era atribuída a Nicolau Maria Raposo de Amaral (1737-1816), por D. Maria I, carta de brasão de armas de nobreza e fidalguia. A esse propósito, escolhemos para documento(s) do mês o belíssimo documento gráfico correspondente ao mesmo e a carta da Rainha concedendo ao visado autorização para o seu uso.

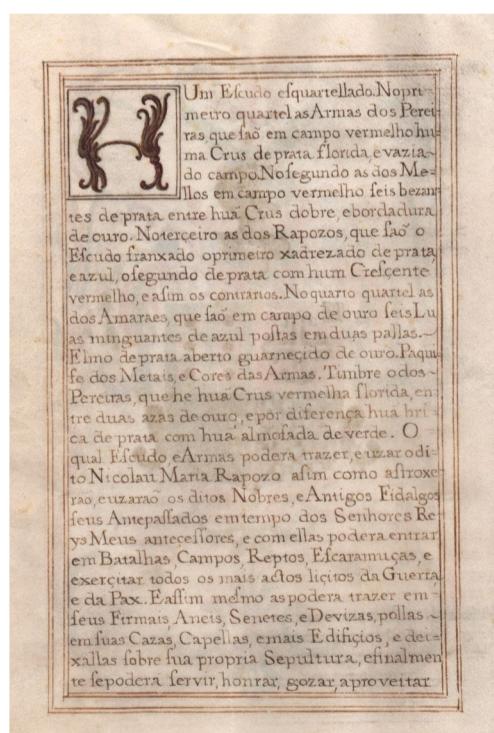
Sobre este documento foi publicado na revista Arquipélago. História, Vol. 8 (1986), pp. 69-82, um artigo intitulado Algumas palavras sobre dois documentos heráldicos do Arquivo Raposo d'Amaral, da autoria de Francisco de Simas Alves de Azevedo.



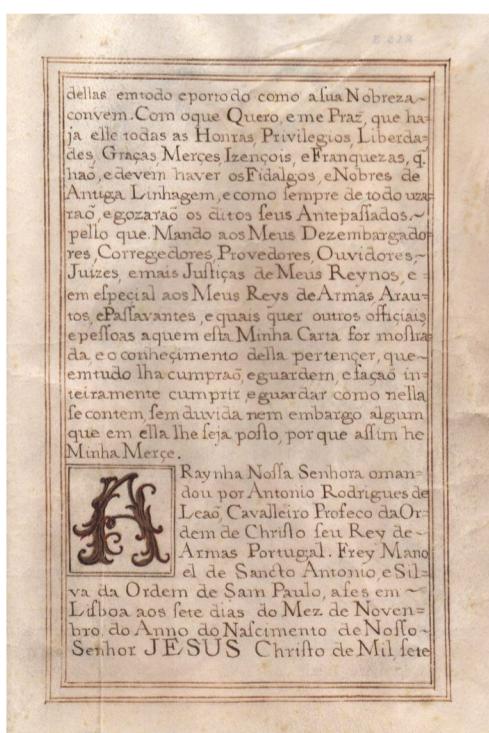
Página 1



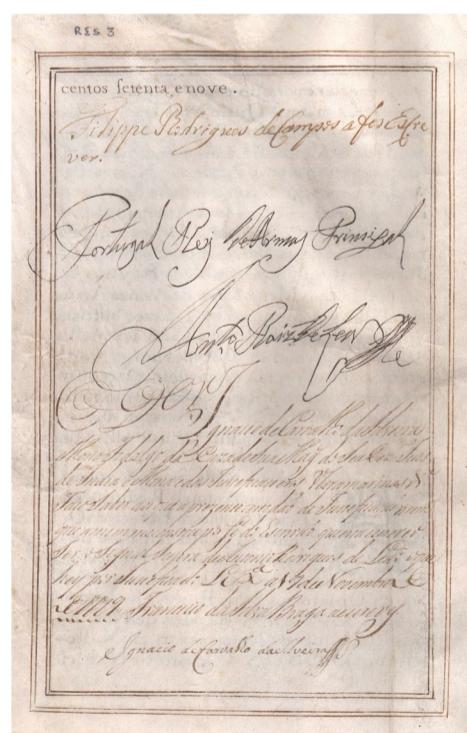
Página 2



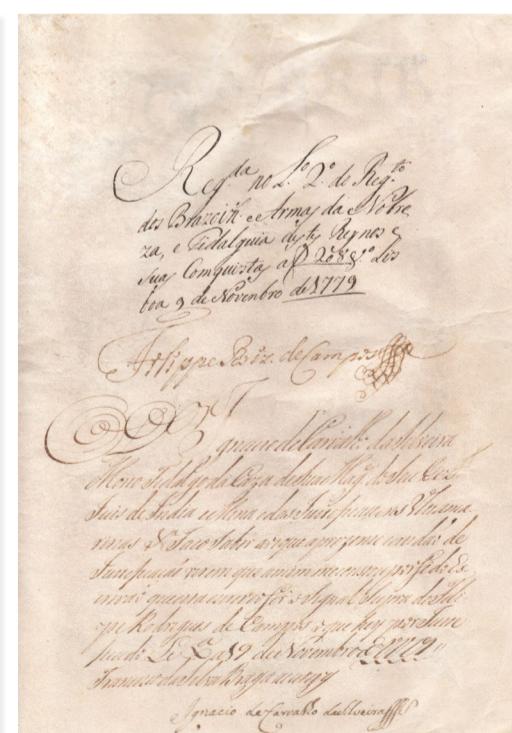
Página 3



Página 4



Página 5



Página 6

NOTA BIOGRÁFICA

Nicolau Maria Raposo de Amaral (1737-1816) foi cavaleiro da Ordem de Cristo e provedor das armadas de São Miguel. Regressado do Brasil – para onde tinha emigrado muito novo e onde se dedicou ao comércio entre a Colónia de Sacramento e o Rio de Janeiro –, estabelece-se em Ponta Delgada. Dinâmico e empreendedor, estende a sua atividade por diversas áreas, dedicando-se à importação de azeite de baleia do Brasil, à administração do contrato dos dízimos, à exportação de cereais e leguminosas, à salga de peixe e carne e à exploração comercial de navios. A riqueza acumulada fez com que se tornasse um dos grandes proprietários da ilha.



Documento do mês

Dezembro



[Presépio] / Francisco Carreiro da Costa
Tinta da china sobre papel
Arquivo Francisco Carreiro da Costa, MAV - 1656

0(s) documento(s) do mês de dezembro refere(m)-se a uma tradição enraizada nos costumes do povo açoriano aquando da montagem do presépio - a utilização dos "tarecos" de barro originários da agora cidade de Lagoa, que se distinguem dos bonecos do continente com a mesma função por apresentarem trajes típicos dos Açores. Apresentamos um desenho de Francisco Carreiro da Costa em que estão representadas figuras características dos nossos presépios e uma palestra radiofónica, proferida pelo mesmo a 19 de dezembro de 1947, sobre os "tarecos" e bonecreiros que os criam.

<p>TARECOS DA LAGOA</p> <p>Pelo Dr. Carreiro da Costa</p> <p>19.12.47</p>	<p>TARECOS DA LAGOA</p> <p>Porque nos referimos há dias a presépios e porque em boa rega dade não há presépios sem bonecos de barro, demoramo-nos hoje por alguns minutos a falar destes e particularmente dos bonecos de barro da Lagoa, a que o povo chama tarecos.</p> <p>Segundo a tradição, os bonecos de barro vêm de tempos antigos, criados por artistas anónimos, saídos do povo e são um dos mais interessantes aspectos da arte popular do nosso país.</p> <p>Também, como é de ver, desenvolvidamente tratado no Continente, deste género de escultura popular se têm ocupado dezenas de escultores e artistas, uns procurando-lhe as origens, outros tentando a sua história, outros ainda definindo as particularidades do nosso povo relativamente a este grato e sugestivo assunto.</p> <p>Dis, por exemplo, Santos Júnior em trabalho publicado sobre «Bonecos de Barro» em 1948, que estas graciosas e pitorescas figuras que hoje aparecem nos presépios portugueses tiveram grande desenvolvimento no século XVIII. Isto, aliás não concorda todos os nossos investigadores, porque, como ainda há cito dias acentuam, não se pode falar hoje de presépios sem se reportar a Machado de Castro e a outros barileiros daquela época que tanto trabalharam nesse tipo de escultura. É de supor, porém, que já antes do século XVIII se modelavam em Portugal essas figurinhas, representando tipos populares, pois já no Prado elas se faziam com abundância a séc. XVI.</p> <p>Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga, disse no</p>	<p>TARECOS DA LAGOA</p> <p>Conselho de Trento, aludindo à vida corrupta dos eclesiásticos: «...não em Prado conhaço os que não pecam, mas esses são de barro».</p> <p>Este facto de fazer referência a tal género de escultura popular no citado século XVI, está perfeitamente documentado por Luís Chaves, depreendendo-se o nome de Rocha Peixoto de Joaquim de Vasconcelos, de João Barreiro e outros.</p> <p>Criticos de arte, como Armando de Lucena, afirmam, e muito bem, que no séc. XVII, Machado de Castro surrou nítidas influências de Bernini e Giusti, quando estes vieram para Portugal. Isto, todavia, questão por demais conhecida que não vem para o caso tratar com circunstância.</p> <p>O que nos importa, por agora, é formular algumas referências especiais aos bonecos de barro dos nossos presépios - mas, entendendo-se, aos bonecos de barro feitos pelos artistas anónimos da nossa terra.</p> <p>No Portugal Continental, os principais centros produtores da tal espécie de bonecos são, pode dizer-se, Barcelos, Matosinhos, e Vila Nova de Gaia. Nos bonecos pintados de Barcelos aparecem com muita frequência porcos, bois, ovelhas, carneiros, cabras, galinhas, etc., todos rica e vistosamente pintados. O galo de barcelos é famoso, o mesmo sucedendo com a célebre banda de música que todos os tocam possuidores de imponentíssimo bigode.</p> <p>Fernanda Matos Cunha, nas suas <i>Notas Fotográficas sobre Portugal</i>, refere que entre outros bonecos desta localidade, se contam meninos sorridentes e imbeicos, mafiosos de banda regimental ... santomais aleijados, defetuosos e horríveis, capazes de abalar a</p>	<p>TARECOS DA LAGOA</p> <p>fé mais robusta.»</p> <p>Dos bonecos de Extremos fala-nos Virgílio Correia e Sébastião Ressende na revista «<i>terra portuguesa</i>» e Inês Chaves, principalmente no seu livro «<i>Os bonecos portugueses - sua evolução e o povo</i>». Uns e outros referem-se à mulher que assa castanhas; à que ria na roxa; à que enche os cheirinhos; ao pedreiro em cima da muralha; ao pastor alentejano; ao junato; ao leiteiro, aos camponeses de colarinho alto, etc. etc., bem assim à «ruga para o réptil» e aos três Reis Magos.</p> <p>Relativamente aos bonecos de Guia, podemos colher elementos curiosos através da leitura, por exemplo, de um trabalho de Severo Portela, intitulado - «<i>As cagatas, fóbulas de Micropoetria portuguesa</i>» e em que este investigador se refere aos <i>cagatas</i> ou <i>bonecos de cagata</i> que são vendidos nas feiras por uma ninharia, representando costumes e profissões.</p>
<p>4.</p> <p>cos de barro da Lagoa, conhecidos pela designação de tarecos. Possivelmente só conseguiram a ser modelados e moldados, depois de nela quela vila se haverem instalado as fábricas de loiça, facto que - está provado - veio despertar no meio as mais acentuadas tendências artísticas.</p> <p>Sendo certo que já antes de 1906 - data em que se fundou a primeira fábrica de cerâmica - havia na vila da Lagoa antigas lojas dentro de velhos oratórios, é de supor no entanto que até ali não existisse ninguém que se ocupasse da confecção dos bonecos de barro. Só non fina do século passado apareceram, portanto, nessa vila, alguns <i>carrascos</i> a entregarem-se a este género de trabalho, modelando o barro e pintando-o depois segundo o gosto de cada um.</p> <p>Então, como agora, os bonecos de barro da Lagoa, faziam-se, depois de modelado uma figura, <i>carrascava</i> com o auxílio de formas de gesso, constituídas por duas partes que se justapõem e dentro das quais se coloca o barro. Aparentadas as duas partes de molde e retiradas depois, o barro aparece com a forma da figura respetiva - figura esta que depois aperfeiçoa - <i>pintada</i>, na linguagem típica - pelo artista e em seguida posta ao ar e ao sol para secar. Só depois de bem seca, é que a pequena escultura é pintada - operação em que o artista põe o melhor do seu gosto e do seu esmero.</p> <p>Os tarecos da Lagoa primaram sempre por bem acabados, apresentando todos eles pormenores muito curiosos, como as franjas das saias, as rendas dos vestidos, os botões das camisas, a car-</p>	<p>5.</p> <p>miração e o colorido das faces, etc.</p> <p>Se é certo que os bonecos de barro, da Lagoa, têm, alguns deles manifestas influências dos do continente, dado o traje que muitos apresentam, não é, nem certo também que muitos deles são a representação fidelíssima dos nossos costumes tradicionais, tenhamos a vista a mulher de capote, o homem de capote, que pescador a pescar, as mulheiros com as talhas, a lavadeira a lavar, a vila com a galinha debaixo do braço, etc. etc. .</p> <p>Uma variedade de bonecos se faz hoje na Lagoa. Não falando já das figuras da lapinha, isto é, de S. José, Nossa Senhora, menino Jesus, mulinha e vaquinha tão típicas, daquela vila, não só os tarecos já <i>carrascados</i>, referidos, como também as mulas de orelho, as vacas deitadas, as ovelhas, os galos e as galinhas, a mulher com o cesto de ovos à cabeça e aquela outra com a criança ao colo, os homens do realejo e da viola, a mulher que toca rabeca, a pastora reclinada sobre uma fraga, os pastores com ovelhas às costas, o avô e a avó, o padre e o sacrifício etc. etc. todos de vários tamanhos, pois há-os desde seis até treze centímetros de altura.</p> <p>Artistas - tem havido na vila da Lagoa cuja arte se tem revelado através dos bonecos de barro.</p> <p>No primeiro lugar temos notícias do tio José Romual - bom velho que não chegou a conhecer e que se ocupava a encantar santos das várias igrejas e casas particulares. Da sua oficina, segundo nos informam saíram cuidados tarecos, pintados a preceito com um tal equilíbrio de obras que ainda hoje causam a nossa admiração.</p>	<p>6.</p> <p>miração, conforme podemos verificar através algumas dessas figurinhas que possuímos.</p> <p>Tarequinho o foi também e com muita habilidade o José Rodrigues Correjo que pelo menos há mais de quarenta - parti para a América onde se instalou com oficina de Santo António. Os seus bonecos, porém, constituem pequenas obras de arte, tal é a sua e a grata que nelas se puseram.</p> <p>Já do nosso tempo foi o Mestre Manuel d'Almeida, que morava na rua da fábrica, simpático vâlinho que chegou a conhecer, Mestre Manuel d'Almeida possuía uma coleção riquíssima de formas - e os bonecos saídos da sua oficina eram um encanto.</p> <p>É dele a maioria dos bonecos que hoje se vêem nos mais conhecidos presépios da Lagoa.</p> <p>No nosso tempo foi artista também neste capítulo o Sr. Henrique, com loja na rua do Rosário homem espírito suspeito e contumaz nas suas críticas que fez por vezes juiz de paz. Os seus bonecos eram todavia autênticos berberes, lade e falte de gusto - digamos - havida na combinação das cores. O seu «ateliers» era a sua própria loja - e porque os fazia e pintava à vista de toda a gente, no balcão do estabelecimento - o seu trabalho constituiu para a criancada do tempo um entretenimento agradável.</p> <p>José Custódio, antigo sacrifício do Rosário, tinha também muito gozo para este género de trabalho. Conseguia produzir muito todos os anos, mas os seus bonecos apesar de muito bem acabados de que os do Sr. Henrique, nunca chegaram a igualar-se aos do mestre Manuel d'Almeida.</p>	<p>7.</p> <p>As formas destes ditinos pescaram por sua morte para a posse dos filhos cuja esposa, se revelou nos últimos anos uma verdadeira artista. São destas senhoras, pode dizer-se, todos os bonecos de barro da Lagoa, que têm aparecido litticamente no nosso mercado, por este tempo, e que são bem dignos da nossa admiração porque, tales cíes, com exceção, têm um exuberante sabor criativo.</p> <p>Outras pessoas ainda se ocuparam e ocupam na confecção de bonecos de barro, mas são estas as que mais se têm evidenciado neste capítulo da arte popular da S. Miguel.</p> <p>Trata-se, pois de mais uma manifestação artística da gente micadiana, cuja evocação nas vésperas da Festa do Natal não se faz cortamente de todo ociosa, pedindo a atenção de quantos nos escurram para a riqueza, para o encanto, e para o pitoresco sempre grato das nossas tradições populares.</p>

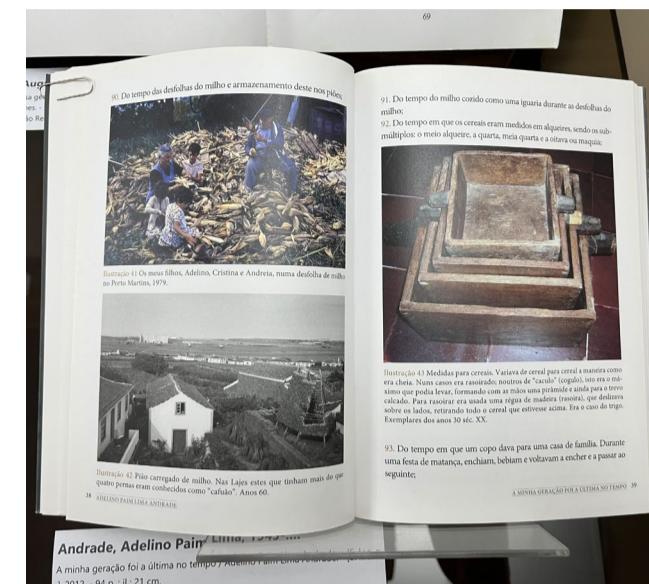
EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

“Vindimas e Milho: Sabores da Nossa Terra”

Nos Açores, o trabalho da terra é mais do que uma atividade agrícola. É parte da nossa alma, da nossa cultura e das histórias que passam de geração em geração.

A nossa exposição “Vindimas e Milho: Sabores da Nossa Terra” celebrou duas das tradições mais marcantes da vida rural açoriana: o milho, que alimentou e sustentou famílias durante séculos, e as vindimas, que transformam a colheita da uva num verdadeiro momento de união e festa.

Foi uma verdadeira celebração da cultura e do saber tradicional açoriano.



COLABORAÇÃO E MONTAGEM DAS EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS:

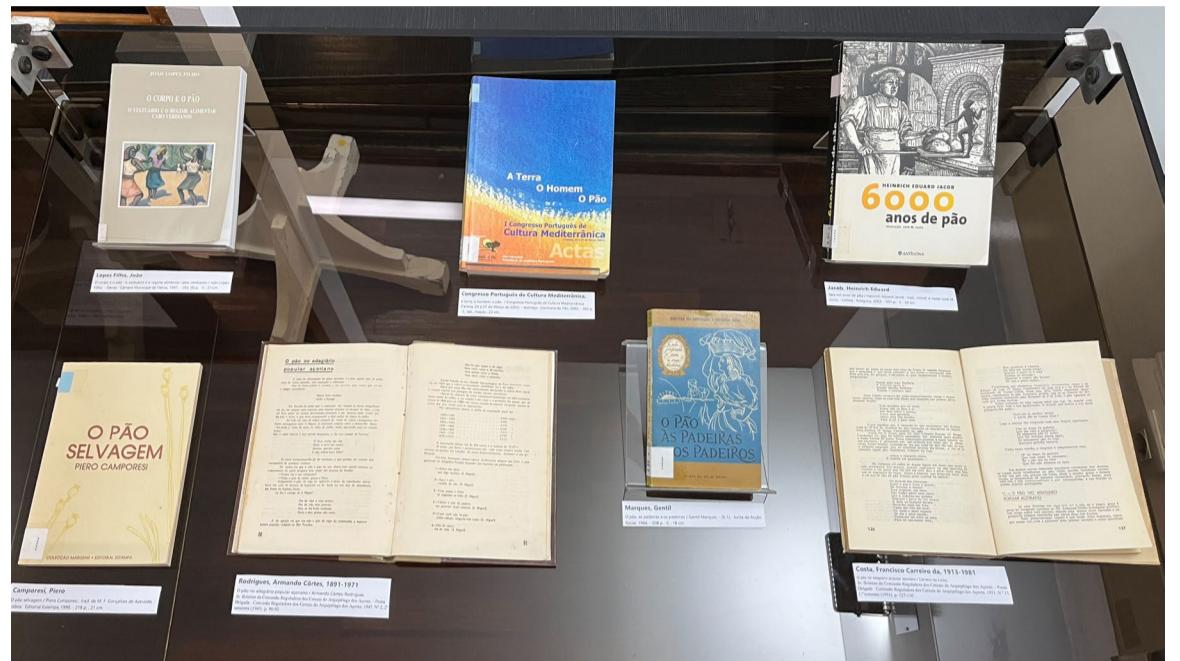
Helena de Fátima Sousa Melo
Cármem de Fátima Carvalho Silva Viveiros
Maria das Mercês Varão Freitas
Maria de Deus da Ponte Rego
Maria de Fátima Furtado Carreiro Rebelo
Maria do Rosário Miranda Barreiro

EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Dia Mundial do Pão

Para celebrar o Dia Mundial do Pão, a Biblioteca Central acolheu uma pequena exposição dedicada a este alimento tão essencial e simbólico da nossa cultura. Durante vários dias, os visitantes puderam apreciar uma mostra especial que reuniu produtos, utensílios tradicionais utilizados na arte de fazer pão e uma seleção de publicações sobre a história, receitas e curiosidades.

Mais do que uma exposição, foi uma oportunidade para redescobrir o valor do pão, símbolo de partilha, tradição e saber artesanal.



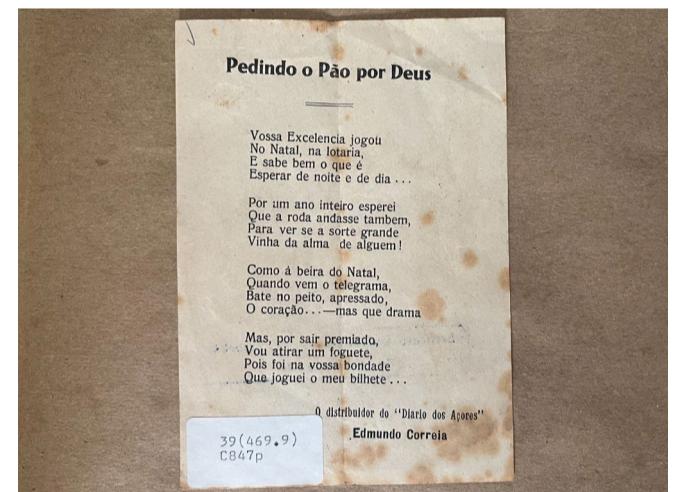
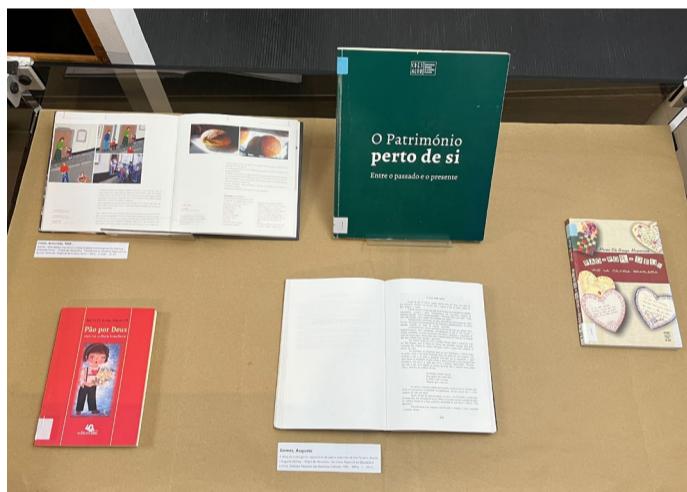
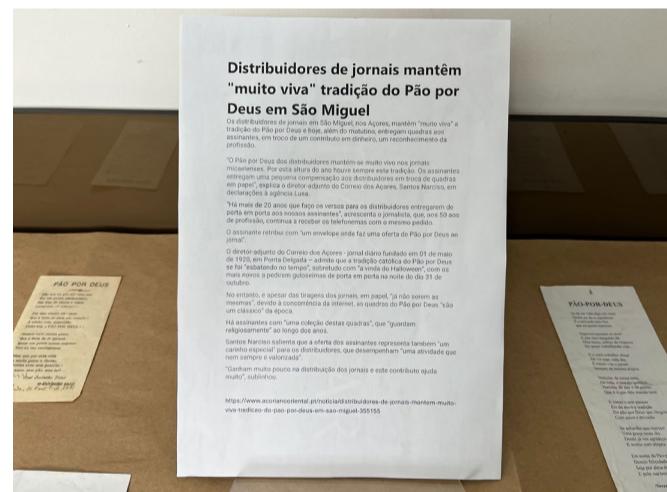
EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

“Pão por Deus”

A nossa Biblioteca Central assinalou o Dia de Todos os Santos com uma pequena exposição dedicada ao “Pão por Deus”, tradição popular portuguesa que atraí vossa gerações.

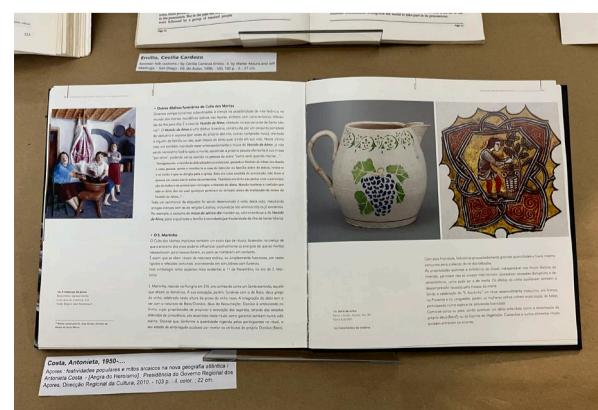
Nesta data, as crianças saem à rua pedindo “Pão por Deus”, entoando versos e partilhando alegria em troca de pão, bolos ou doces.

A exposição destacou elementos simbólicos, versos tradicionais e curiosidades sobre a origem e evolução desta prática, reforçando a importância da preservação do nosso património cultural.



Dia de São Martinho

A nossa biblioteca celebrou o Dia de São Martinho com uma exposição especial. Os visitantes puderam conhecer um pouco mais sobre as tradições desta data, através de livros, elementos típicos da época, como castanhas e materiais alusivos à celebração.

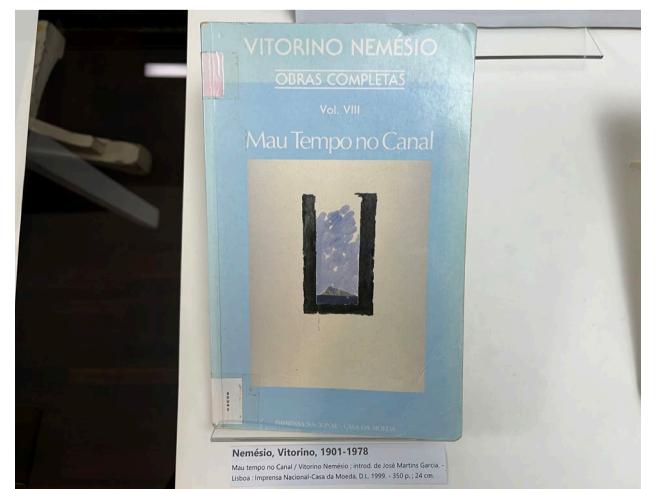
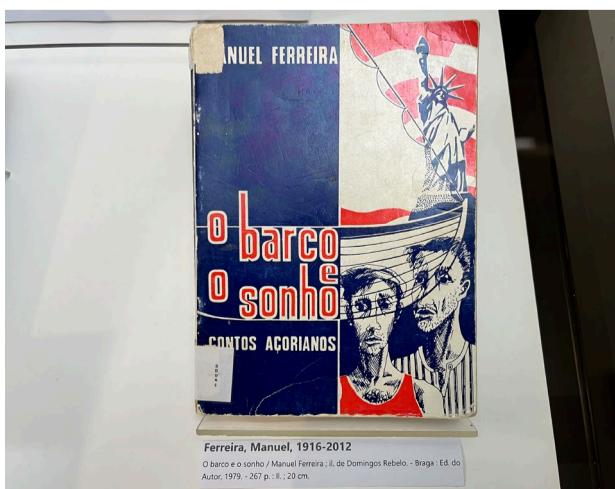
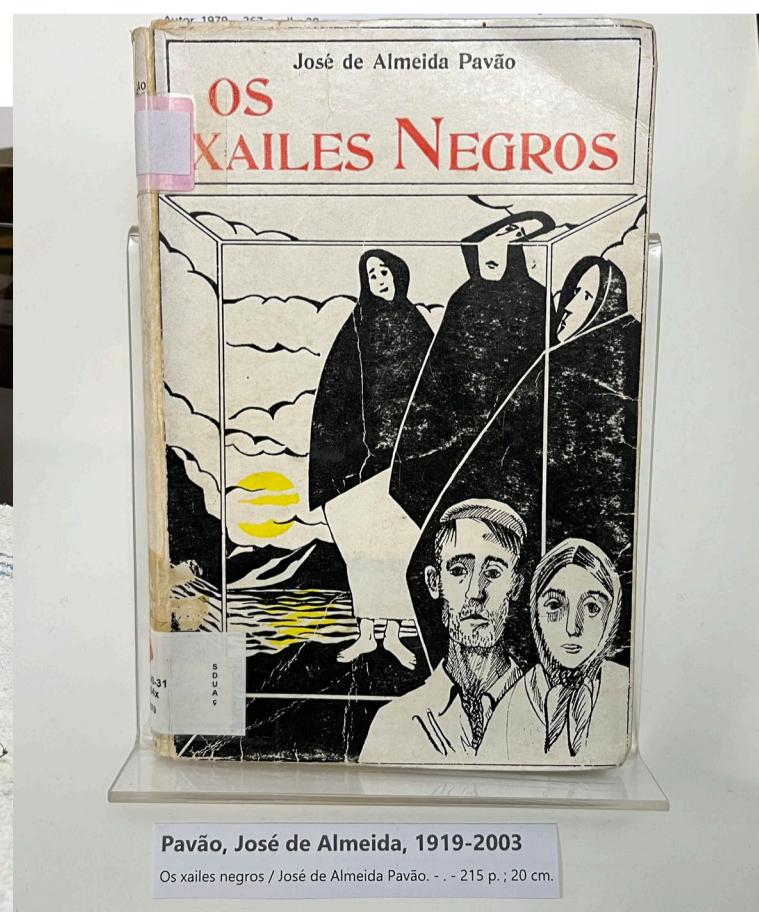


EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Dia Mundial da Televisão

A nossa biblioteca assinalou o Dia Mundial da Televisão com uma pequena, mas especial, exposição dedicada a este meio de comunicação que há décadas informa, educa e entretem milhões de pessoas.

Foram apresentados livros e objetos temáticos que mostram a evolução da televisão e o seu impacto na sociedade.



EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

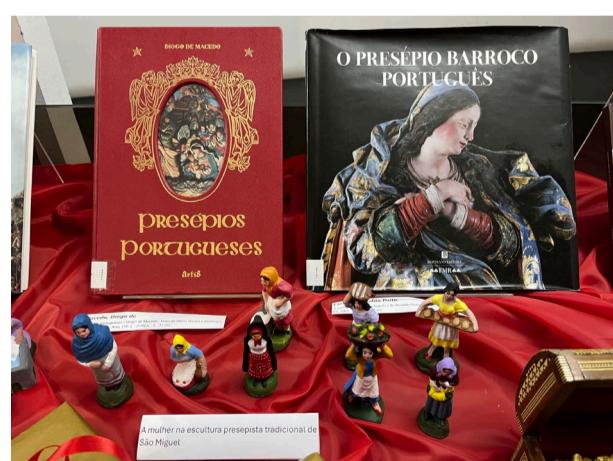
Natal – A Festa do Menino

Durante a época de Natal, esteve patente na nossa Biblioteca Central uma pequena exposição temporária subordinada ao tema “Natal – A Festa do Menino”, dedicada aos presépios portugueses.

A exposição integrou uma seleção de livros e presépios, proporcionando aos visitantes uma viagem pela tradição, pela arte e pelo simbolismo associados ao nascimento do Menino Jesus, uma das representações mais marcantes do Natal em Portugal.

Em destaque estiveram também os símbolos do ouro, do incenso e da mirra, ofertas dos Reis Magos, carregadas de significado espiritual e cultural, que ajudam a compreender a profundidade simbólica do presépio e da mensagem natalícia.

Esta iniciativa teve como objetivo valorizar o património cultural, promover a leitura e assinalar o Natal como um momento de encontro, reflexão e partilha.



O NOSSOS RECURSOS

PÁGINA INTERNET

BEM-VINDO
WELCOME

O CONHECIMENTO
PASSA POR AQUI

Biblioteca ▾ Museu ▾ Serviços ▾ Publicações ▾ Pesquisa ▾ Apoio ▾ +Recursos ▾

CATÁLOGO BIBLIOGRÁFICO

koha Carrinho Listas ▾

BEM-VINDO
WELCOME

O CONHECIMENTO
PASSA POR AQUI

Geral ▾ Pesquisar o catálogo por palavra-chave

Pesquisa avançada | Nuvem de etiquetas

HORÁRIOS E LOCALIZAÇÃO
EMPRÉSTIMO INTERBIBLIOTECAS
FORMAÇÃO DE UTILIZADORES
AJUDA
CONTATOS GERAIS
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL

b.comum

Entre na sua conta:
Número de cartão ou nome de utilizador:
Palavra-passe:
Iniciar sessão
Esqueceu-se da sua palavra-passe?

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL

Comunidades & Coleções Percorrer repositório ▾ Entidades ▾ Estatísticas

Repositório da Universidade dos Açores
Repositório Institucional da Universidade dos Açores

pesquisar no repositório...

Bem-vindo ao Repositório da Universidade dos Açores

O Repositório Institucional RUAc tem por missão incorporar, registrar, organizar, manter, preservar e possibilitar o acesso aberto online à produção académica, científica e cultural da Universidade dos Açores, dando visibilidade aos seus conteúdos através da partilha da sua produção institucional e da integração nos sistemas de rede nacionais e internacionais de informação, utilizando técnicas de interoperabilidade e padrões internacionais.

SITES DE APOIO

Registo
Efetuar Depósito
Projeto RCAAP
OpenAIRE
Pesquisa em repositórios de Acesso

SIGA-NOS:

